

## Arquitectura, museus e arqueologia: um terreno de compromissos

Luís Raposo

Arqueólogo

Director do Museu Nacional de Arqueologia

Professor Convidado da Faculdade de Letras das Universidade de Lisboa

Presidente da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM

Representante da Rede Portuguesa de Museus no Conselho Nacional de Cultura

1ª pergunta

São os vestígios arqueológicos *autênticos* ?

-o vestígio arqueológico é o terreno da ruína por excelência

-só vale enquanto tal  
o ruínismo de Ruskin

-só vale depois de restaurado  
o reconstrutivismo de Viollet-le-Duc

### **John Ruskin**

Escritor, poeta, desenhador, crítico de arte e crítico social (1819 - 1900)

“Não falemos, pois, em restauro. Trata-se de uma Mentira do princípio ao fim. Pode fazer-se um modelo de um edifício, tal como se pode modelar um cadáver, e o modelo pode conter as paredes antigas, tal como o molde do cadáver pode ter o esqueleto dentro, não vejo nem cuidado de saber com que vantagem: mas o edifício antigo fica destruído, e fica-o de forma mais total e desamparada do que se o tivesse afundado num amontoado de terra, ou o tivesse diluído numa massa argilosa...”

“Mas, dir-se-á, há-de chegar o momento em que se torne necessário o restauro ! De acordo. Olhe então a necessidade completamente de frente e compreenda-a nos seus próprios termos. É uma necessidade para a destruição. Aceite-a como tal, deite o edifício abaixo, atire as suas pedras para cantos negligenciados, faça delas brita ou argamassa, se quiser; mas faça-o honestamente e não instale uma Mentira no seu lugar”

“O princípio dos tempos modernos é negligenciar primeiro os edifícios, e restaurá-los depois.”

**Viollet-le-Duc**

Arquitecto (1814 - 1879)

“Restaurar um edifício não é o mesmo que o manter, reparar ou refazer; é restabelecê-lo num estado completo que ele possa nunca ter tido num dado momento.”

“Cada edifício ou cada parte de um edifício deve ser restaurada no estilo que lhe pertence, não somente como aparência, mas como estrutura”.

Princípio de Viollet-le-Duc:

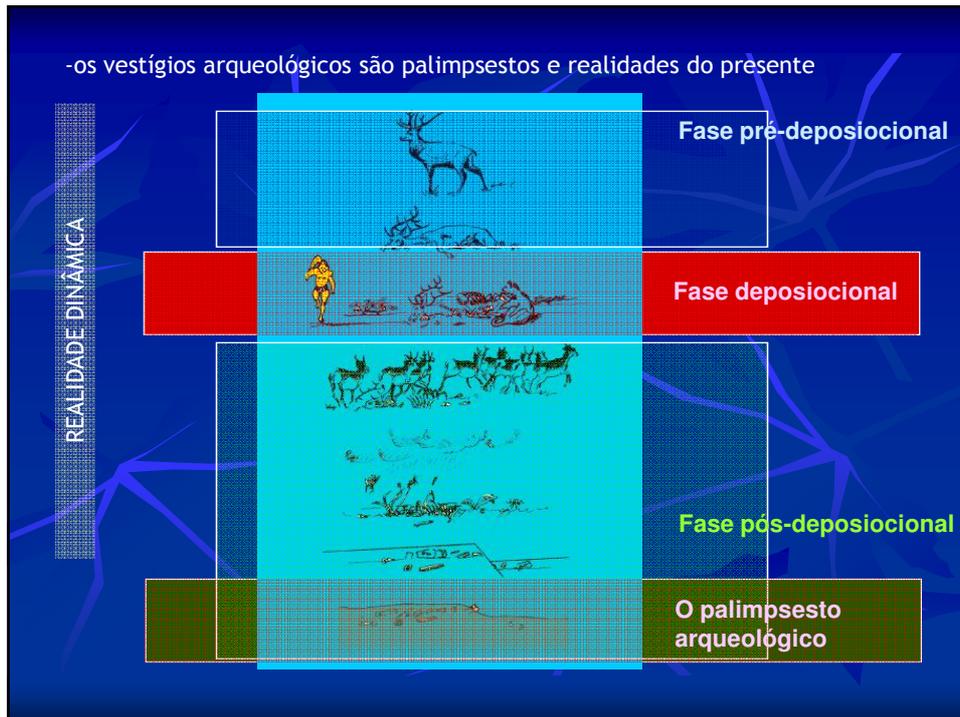
“Restaurar o pensado”; penetrar no “espírito” ou “temperamento” da obra.

Mas...

“é necessário, antes de começar, tudo buscar, tudo examinar, reunir os menores fragmentos tendo o cuidado de constatar o ponto onde foram descobertos, e somente iniciar a obra quando todos os elementos remanescentes tiverem encontrado logicamente o seu destino e o seu lugar.”

“O restauro deve ser mínimo, modesto, discreto, honrado e **arqueologicamente puro** : deve evitar a subjectividade e estar fundado sobre um método racional de análise do monumento e das fontes gráficas e arquivísticas.”

[importância da arqueologia]



**Amália Pérez-Juez Gil**

“A ruína em si não é uma verdade, mas somente a recordação dessa verdade, e como recordação, encontra-se joeirada e filtrada. Considerar autêntico o sítio arqueológico abandonado e coberto de erva constitui uma perspectiva pessoal ao estilo dos românticos do século XIX, mas não capta na realidade o autêntico aspecto de quando o edifício estava vivo, pois nesse momento não constituiria uma ruína.”

O mesmo pode dizer-se dos objectos móveis.

-em arqueologia o problema da ruína é levado ao extremo:

- .o alicerce
- .as pedras soltas
- .o tijolo
- .o caco...

-primeiro impulso: manter a ruína, manter o caco; consolidar apenas.

[ou não, porque a finalidade social do vestígio arqueológico pode não ser a da patrimonialização, mas a da obtenção de saber, inclusive através de métodos destrutivos]

-mas é a ruína “autêntica” ?

-ou ainda: é o objecto de museu “autêntico” ?

**Antoine Quatremère de Quincy**  
(arqueólogo e arquitecto realista; 1755 - 1849)

“Não nos digam mais que as obras de Arte se conservam nesses depósitos [os museus]. Sim, vocês transportaram para lá a matéria; mas puderam transportar com ela o cortejo de sensações delicadas, profundas, melancólicas, sublimes ou tocantes que as envolviam. Puderam transferir para os vossos armazéns esse conjunto de ideias e de relações que originava um interesse tão vivo sobre as obras do cinzel e do pincel ? Todos esses objectos perderam o seu efeito, perdendo o seu motivo.”

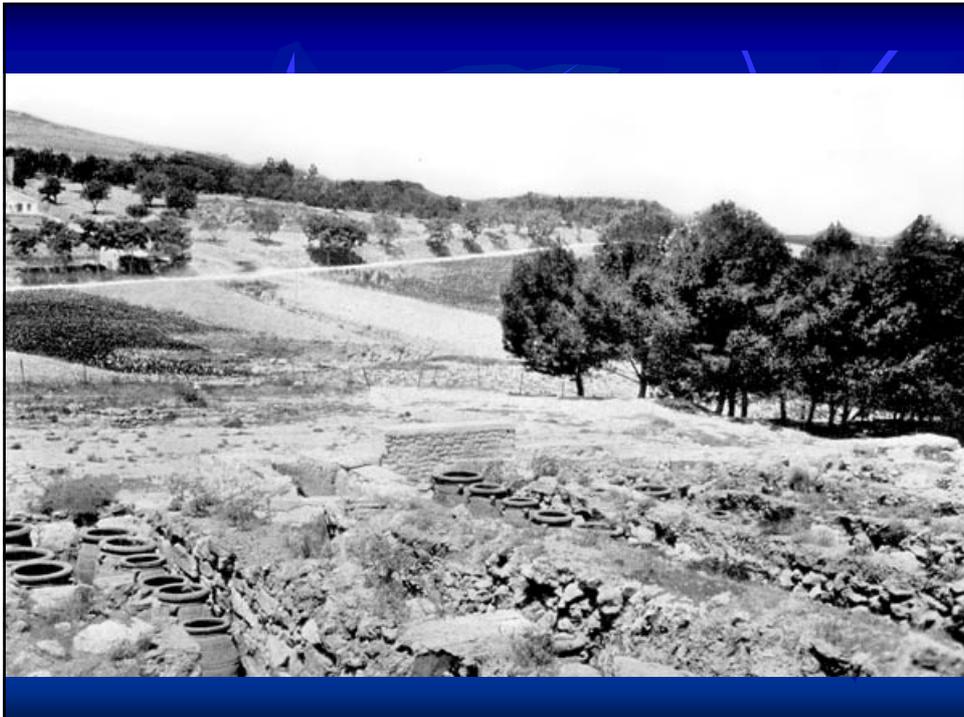
**Joris-Karl Huysmans**  
Escritor e crítico de arte (1848-1907)

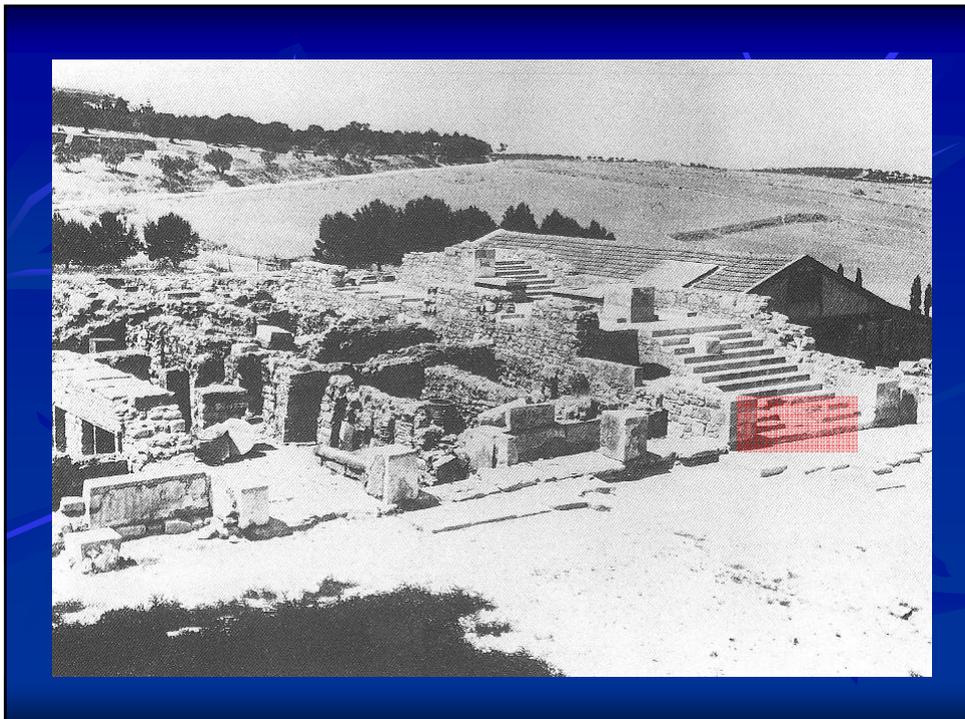
“Não aos museus, sim ao vandalismo”

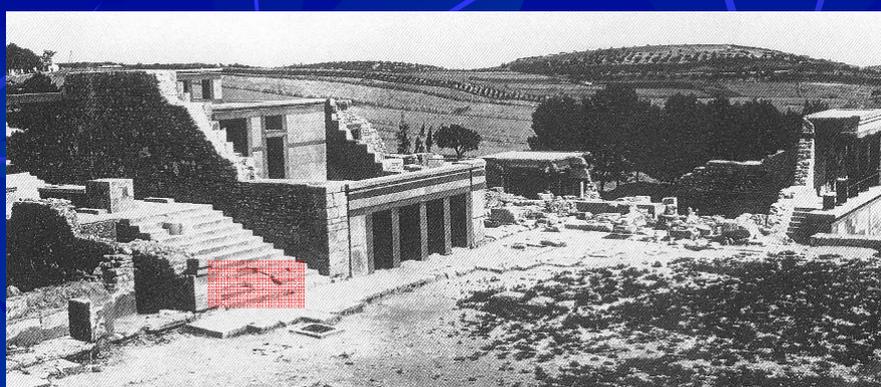
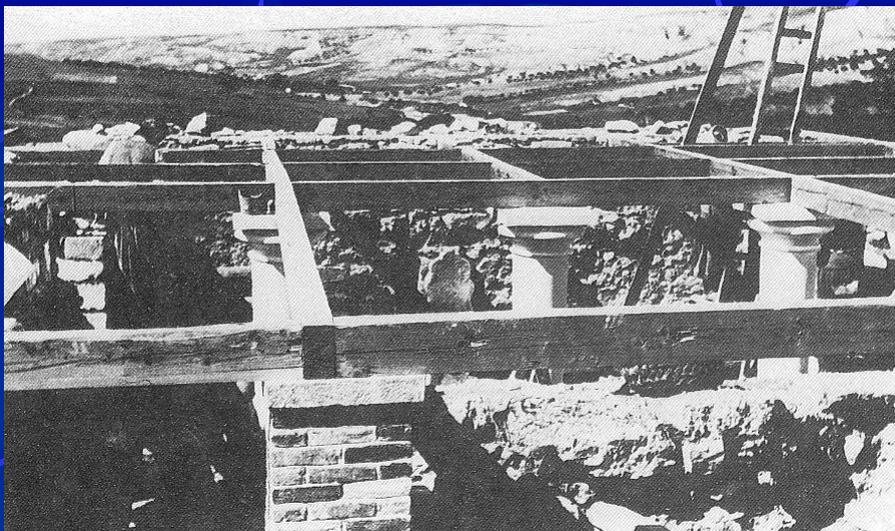
**2ª Pergunta**

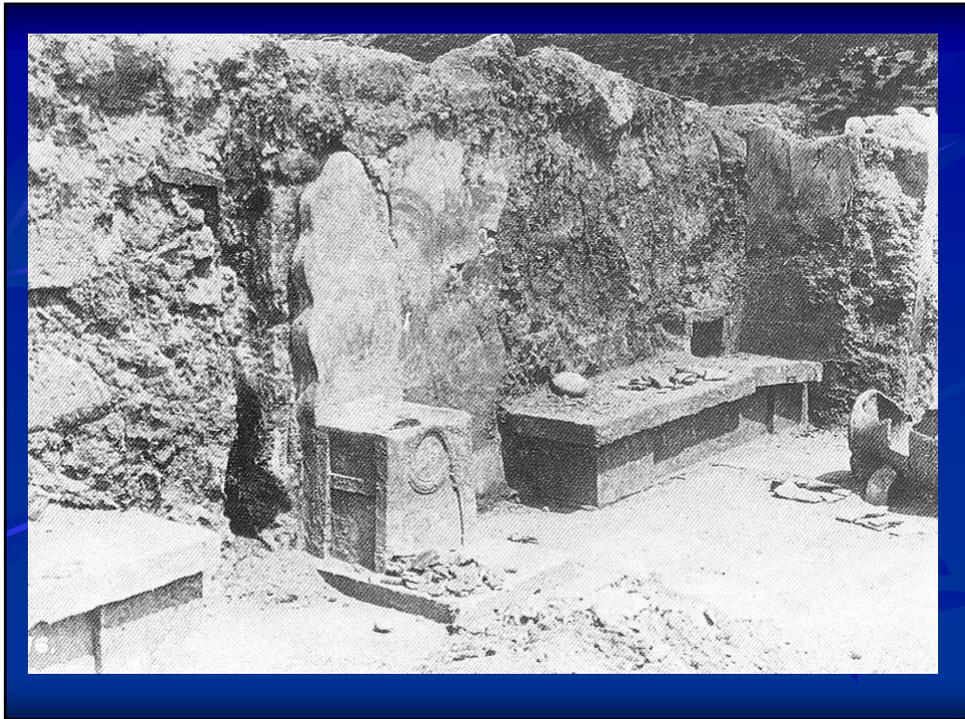
Se a ruína e o resto arqueológico não são “autênticos”, *pode fazer-se* com eles *tudo* o que cada presente entenda, em seu benefício ?

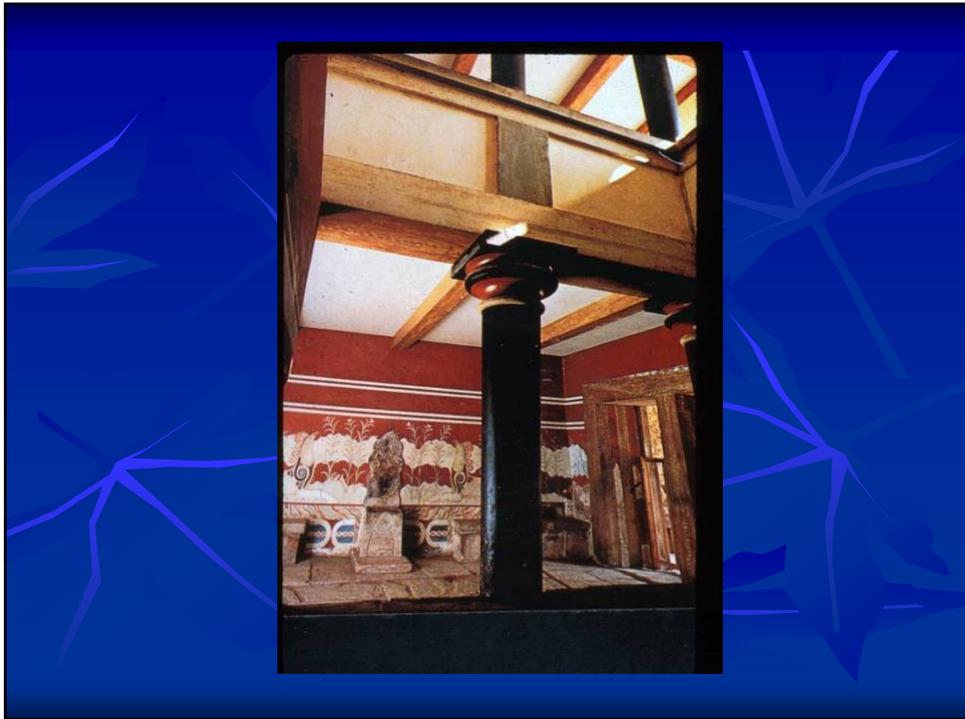
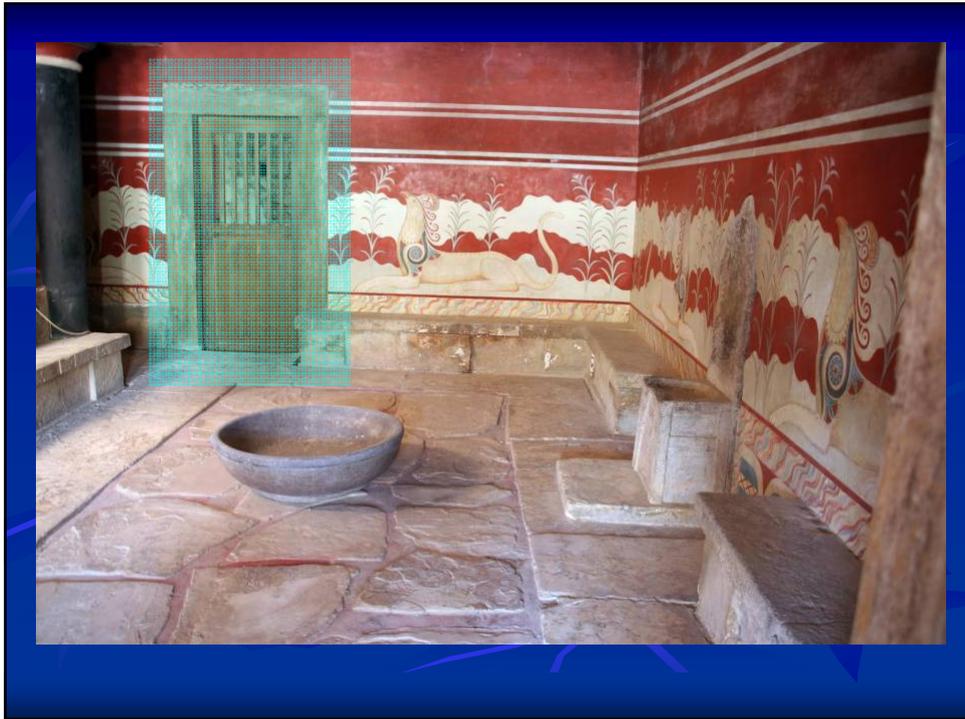
Se não, quais os limites ?

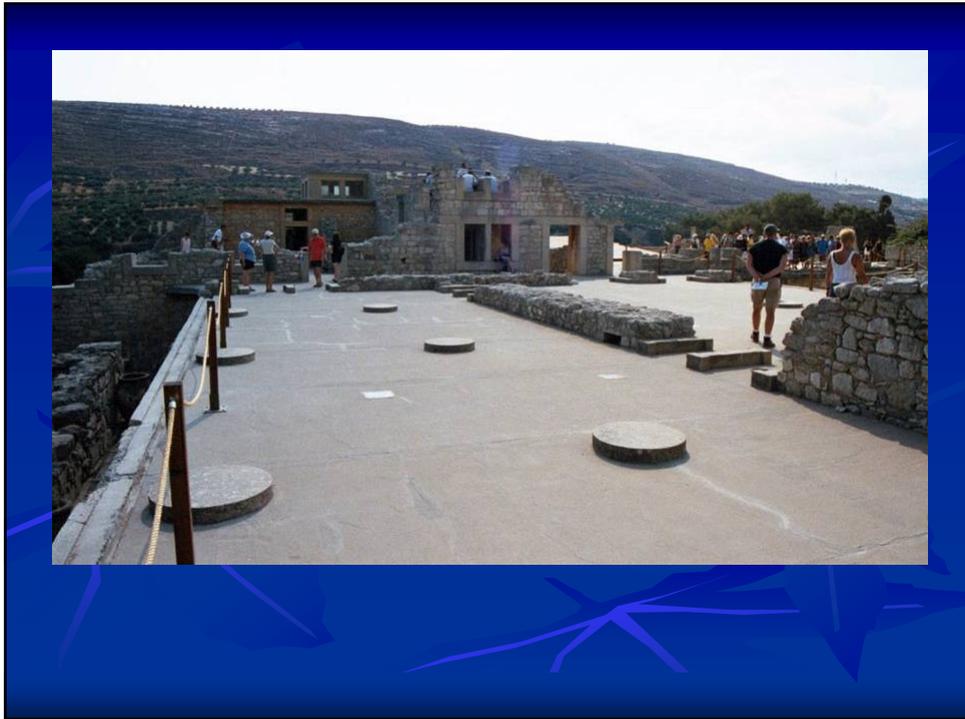


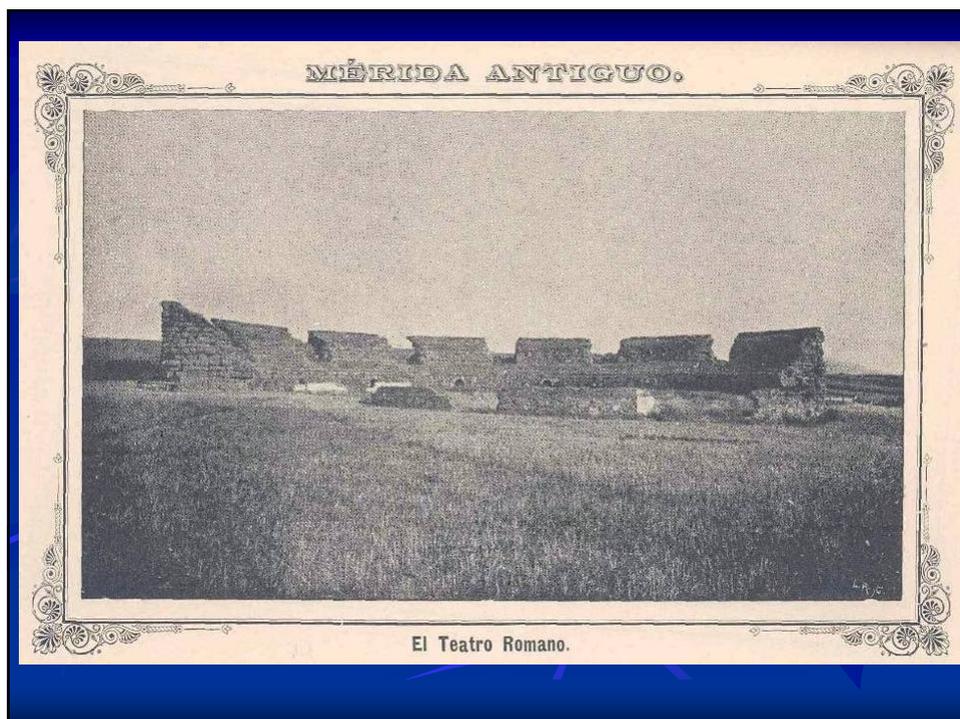


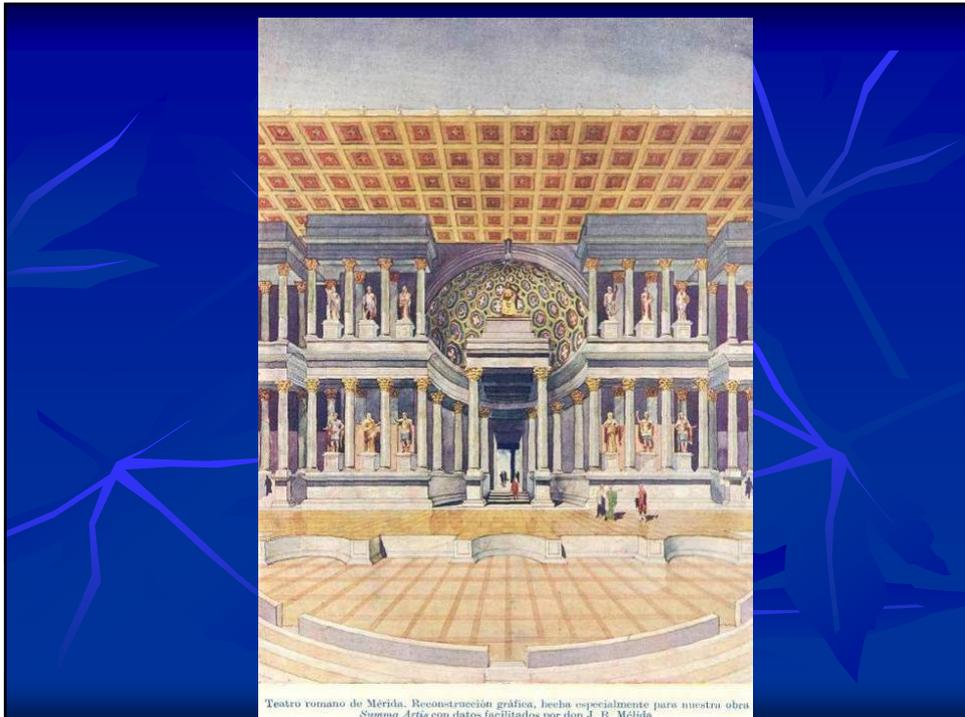
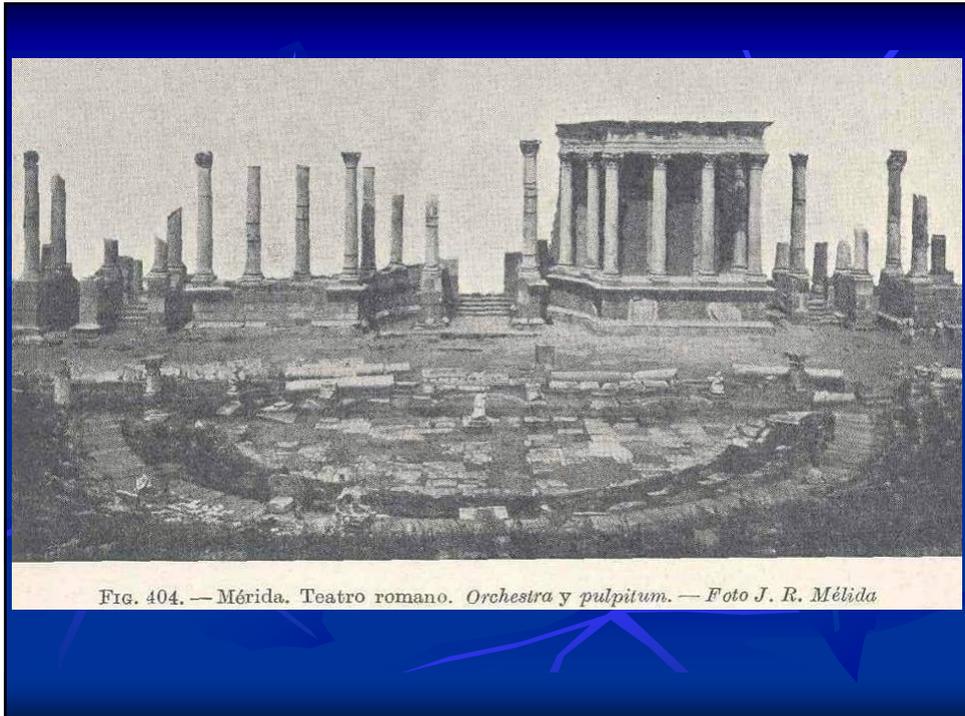


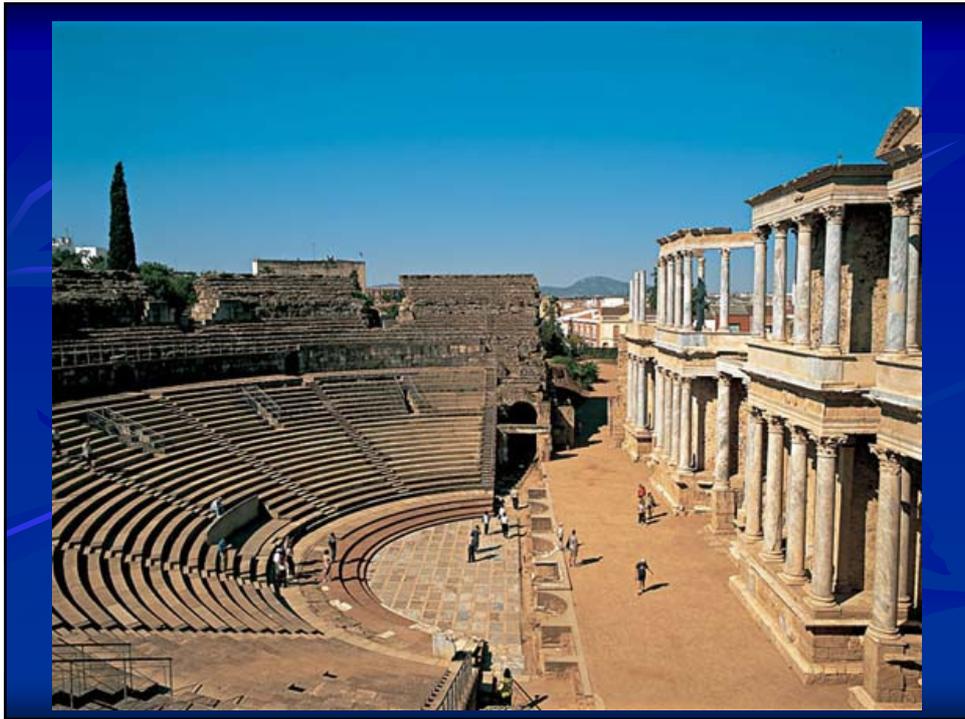












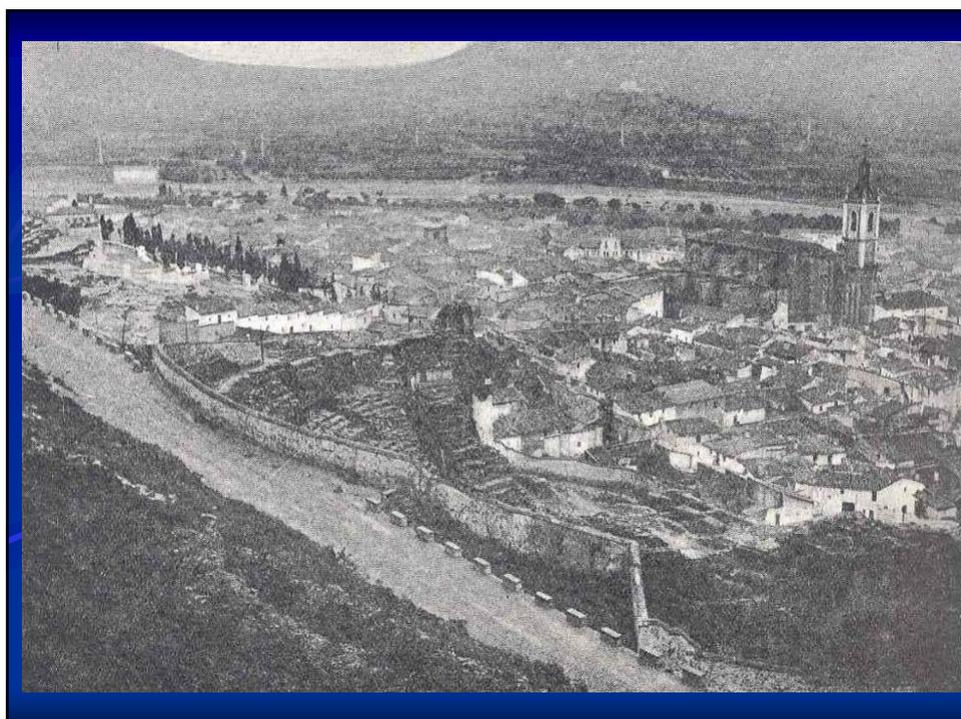
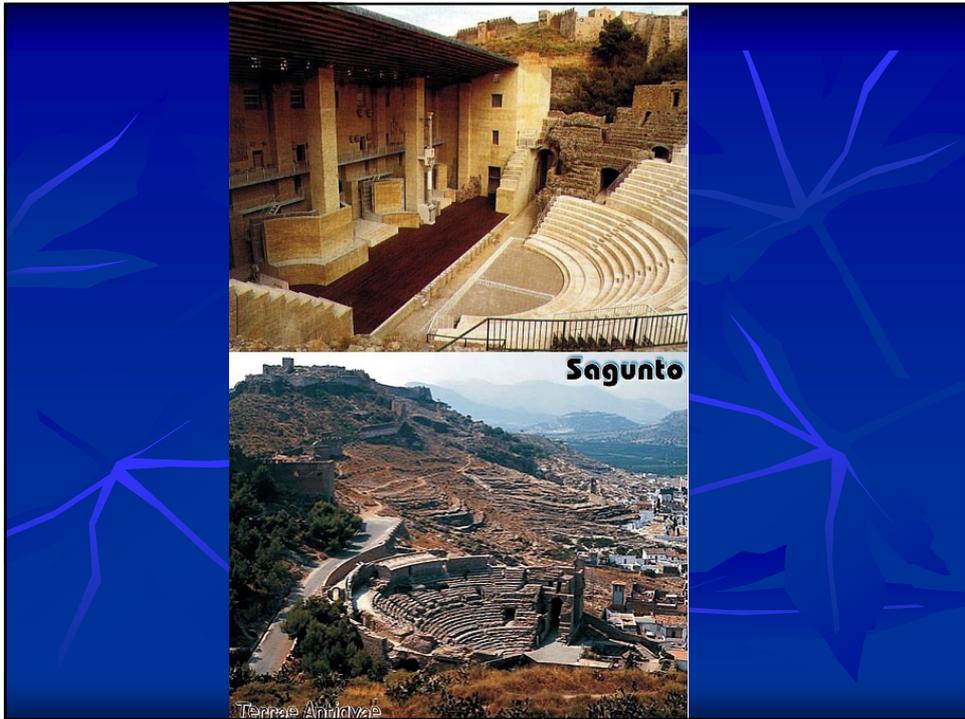


Fig. 12.- El teatro romano de Sagunto. Fotografía tomada en 1917.







The image shows a screenshot of the website 'TERRAE ANTIQVAE'. The header features the title 'TERRAE ANTIQVAE' in a stone-like font, with the subtitle 'Arqueología, Historia Antigua' and the URL 'www.terraeantiquae.com'. Navigation links for 'Portada' and 'Archivos' are visible. A red banner with white text reads 'El Supremo ordena desmantelar la reforma del teatro romano de Sagunto'. The page includes a Google Traductor widget and a 'últimas imágenes' section. The background of the slide is blue with a white starburst pattern.



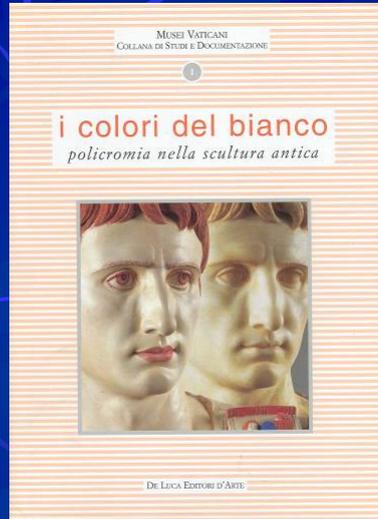


-o erro da chamada “Premissa de Pompeia”



3ª Pergunta

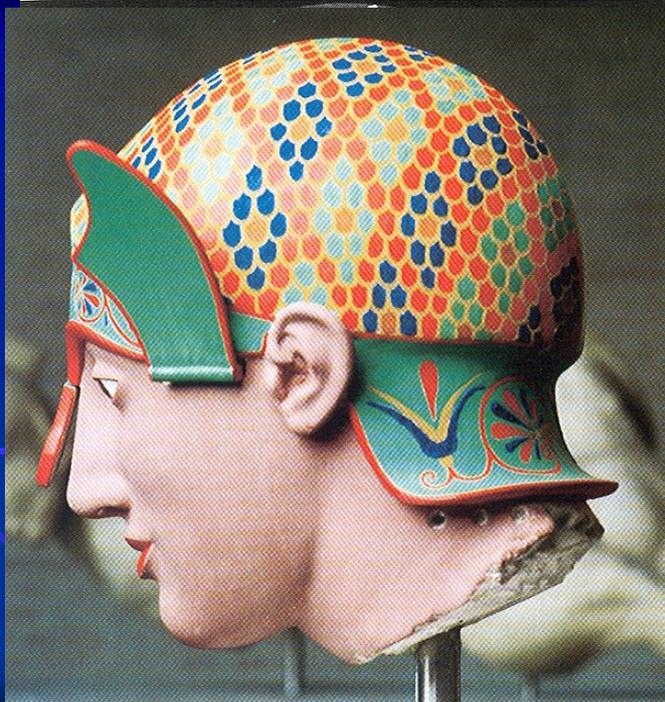
Estamos preparados para nos confrontarmos com a “realidade” passada ?



Lekythos (séc. V a.C.), Museu de Copenhaga



Templo de Aphaia, em Egina (Grécia)



Guerreiro do frontão do templo de Aphaia, em Egina

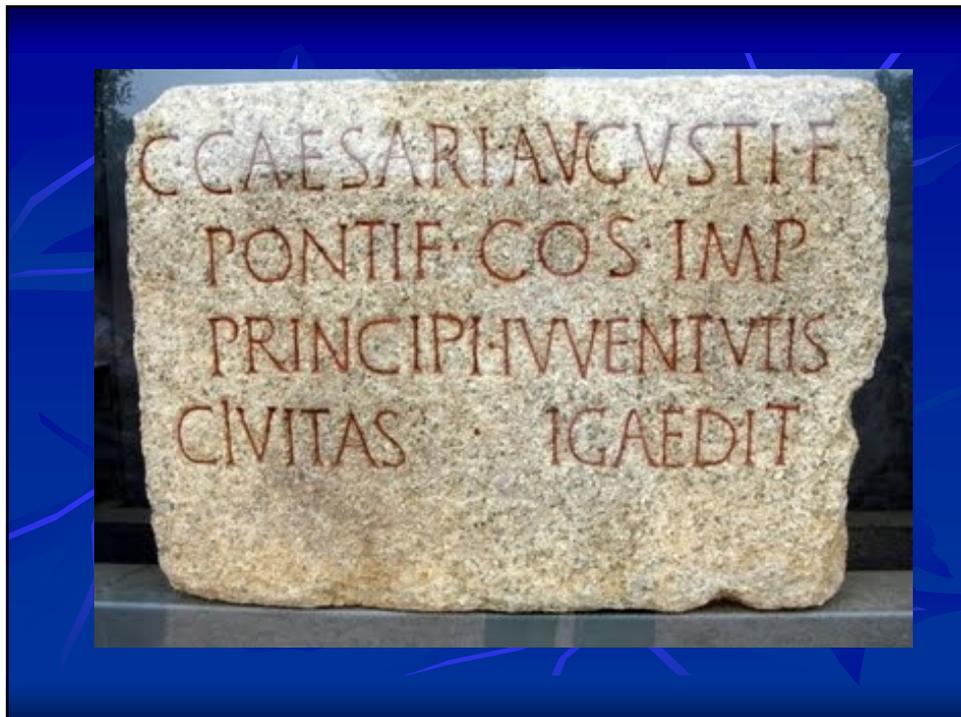






Cabeça de jovem em bronze, Museu do Mônaco





**4ª pergunta:**

Temos plena consciência dos efeitos provocados pela nossa acção reconstrutiva do passado ?

Alguns desses efeitos:

Alteração / Destruição das ruínas (ou objectos)

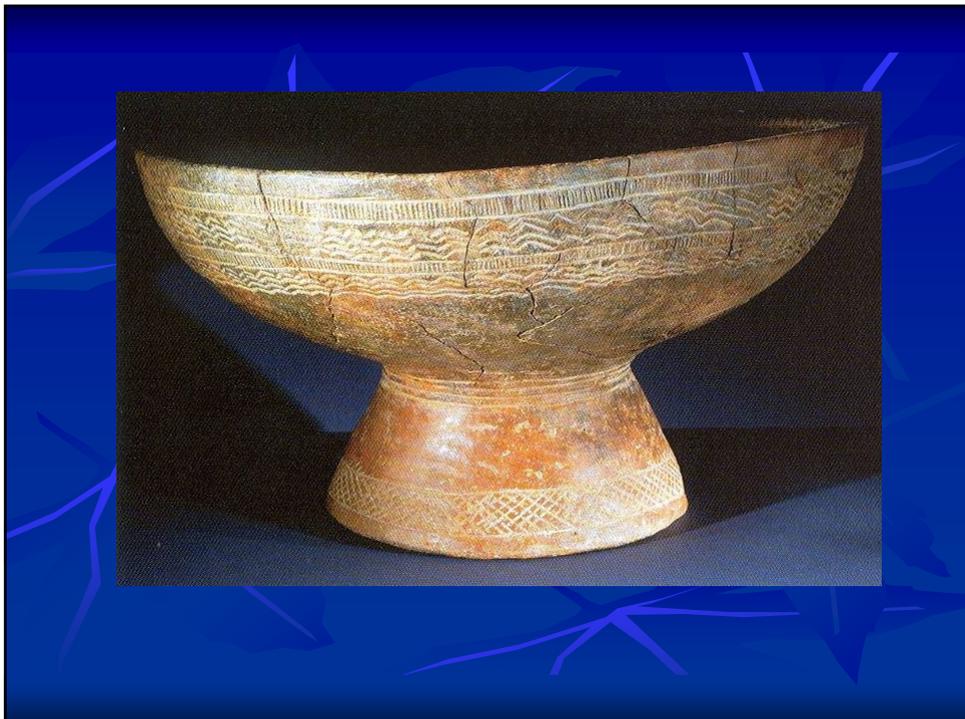
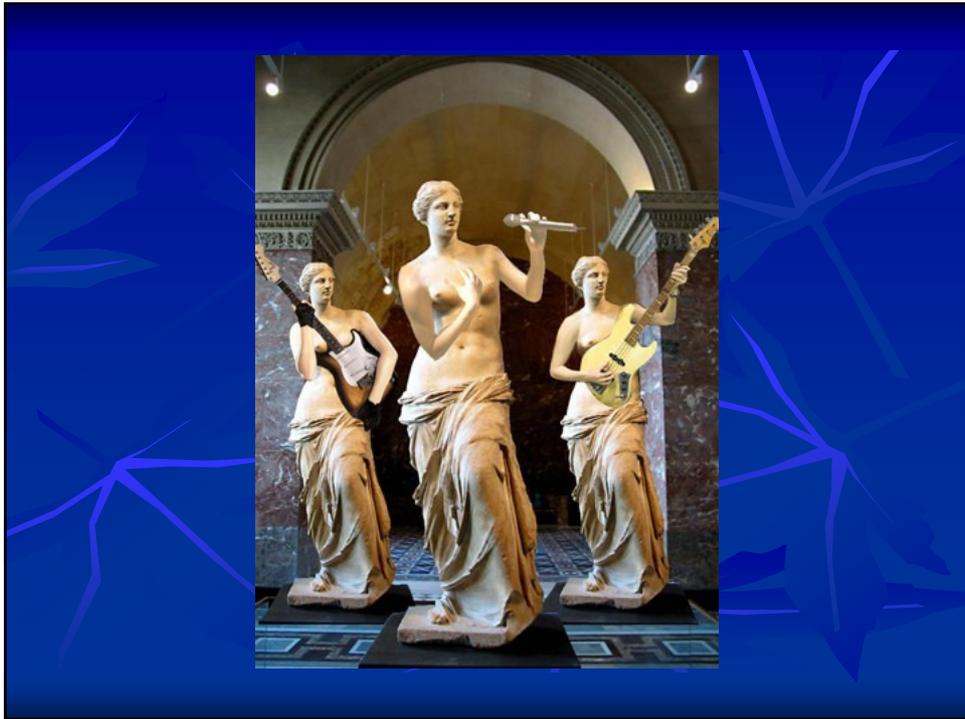
[será a reversibilidade uma solução ?]

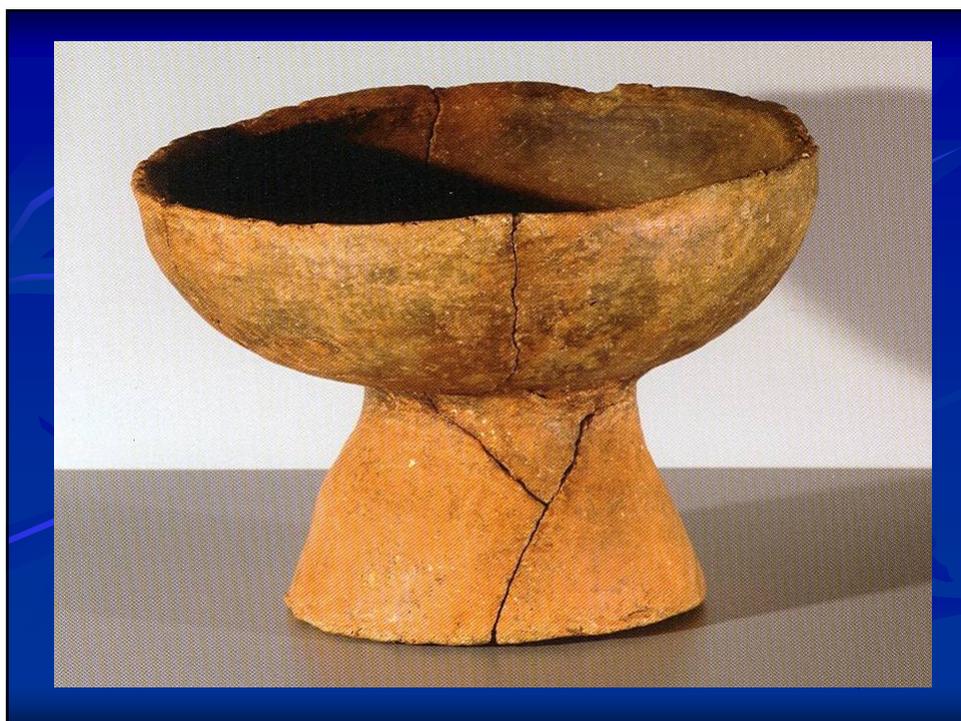
Cometimento de erros científicos e patrimoniais

[serão evitáveis ?]

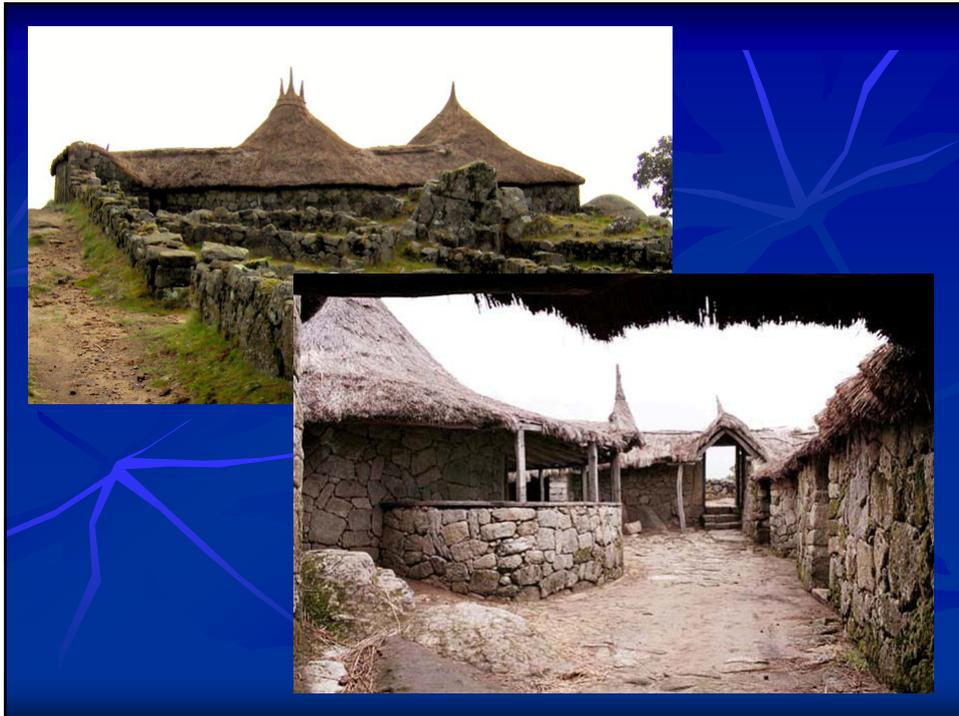
Criação de mitologias de apropriação do passado pelo presente

[serão controláveis ?]









### Como segui da anatomia à arqueologia

A minha passagem da medicina, que exercia em tempo completo, também em tempo completo

#### Medicina e cirurgia:

Reconstituir o homem físico quando este aparecer diminuído.

#### Arqueologia

Reconstituir o monumento dando-lhe a sua forma primitiva.

#### Uso da anastilose em Medicina, ou distilose:

Enxertos de órgãos iguais ao que é substituído:

- coração

- Rim

Enxertos de materiais a

- vasos de plástico

- rim artificial

#### Em Arqueologia:

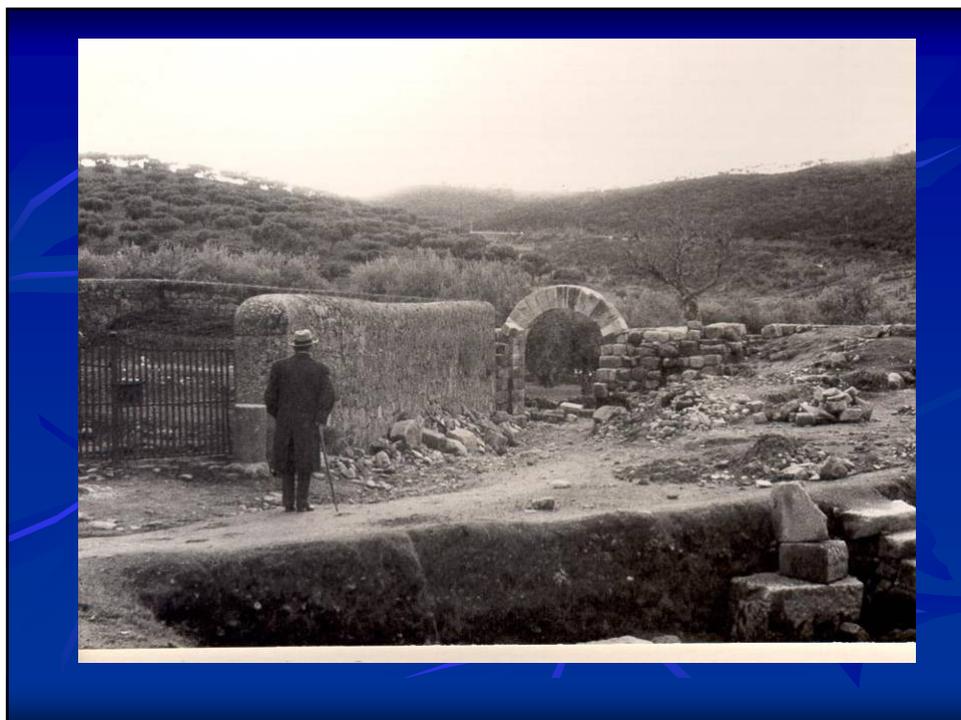
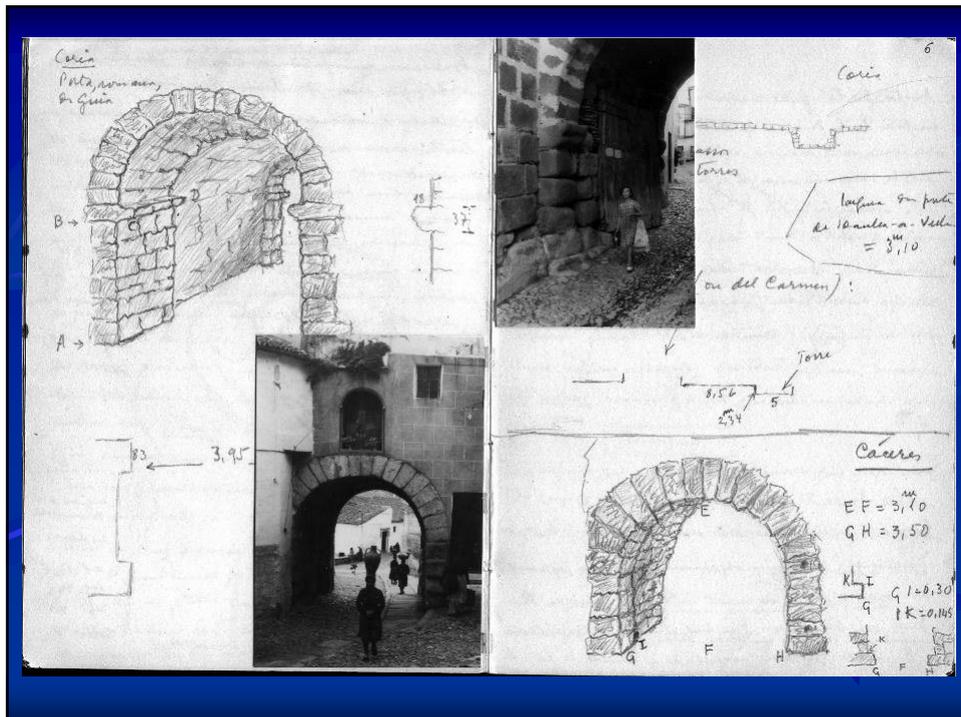
Substituição de uma colu

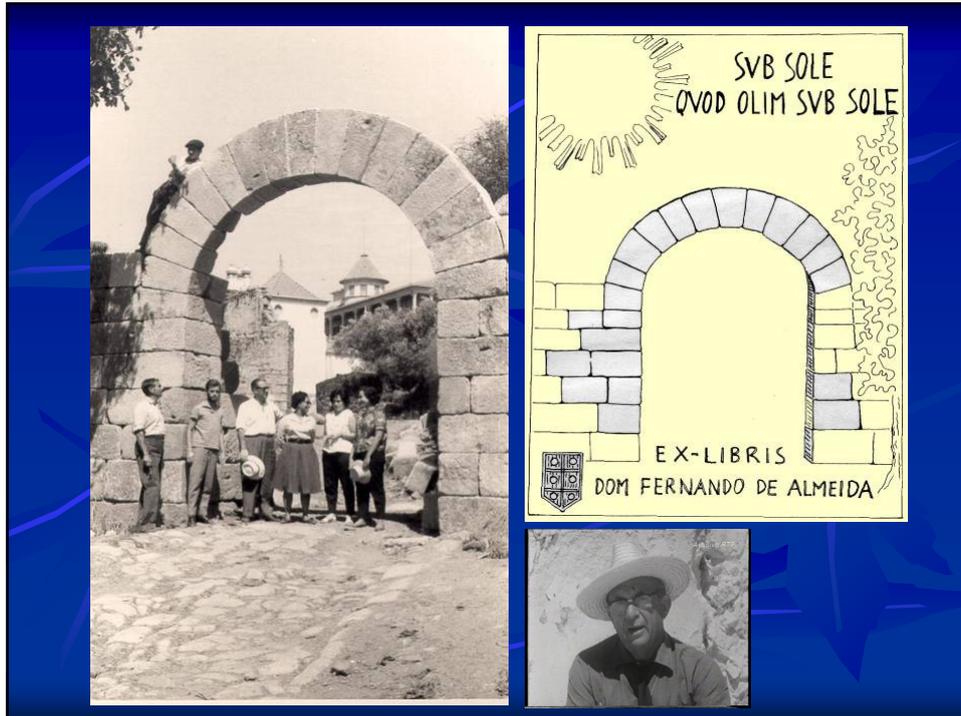
Substituição de um elemento da planta por outro simplesmente funcional (ferro + cimento).

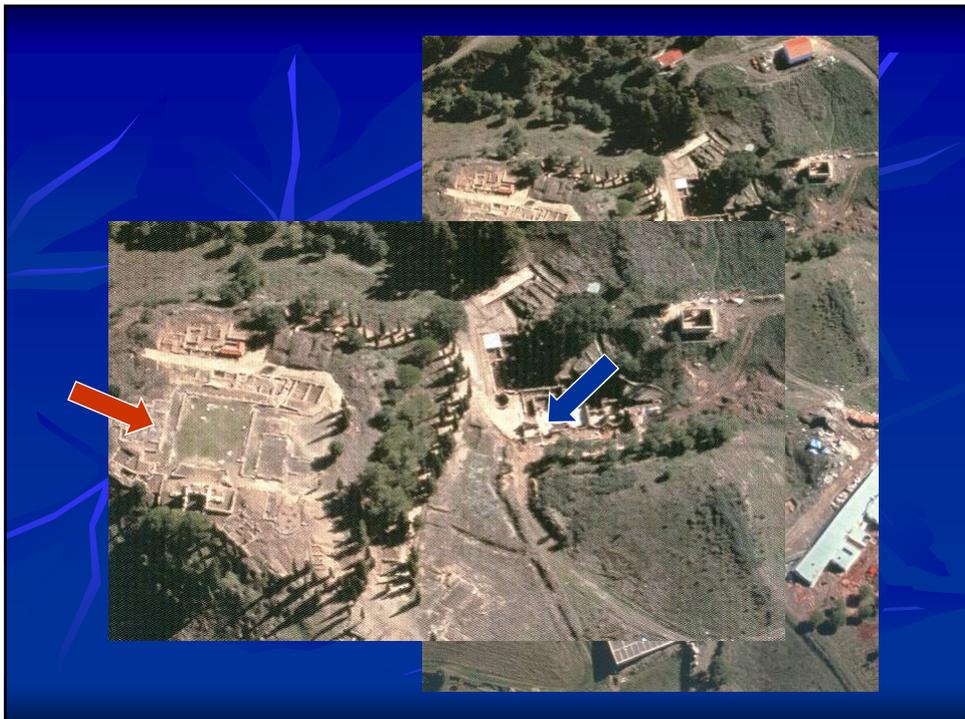
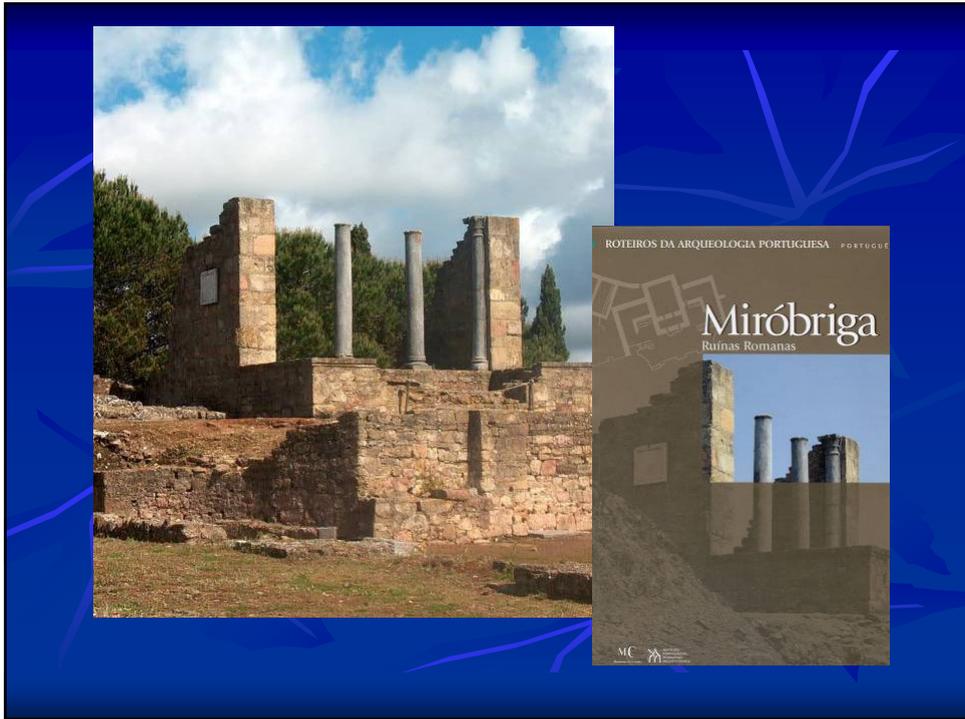
#### CARTA DE VENEZA, 1964

Artº 15º - Escavações

...Todo o trabalho de reconstrução deverá, no entanto, ser excluído à partida; somente a anastilose (recomposição das partes existentes mas desmembradas) poderá ser encarada... outra igual







Freguesia de Santiago do Cacém:  
Ruínas Romanas de Miróbriga

Nome:  [Subscrição de boletim](#)

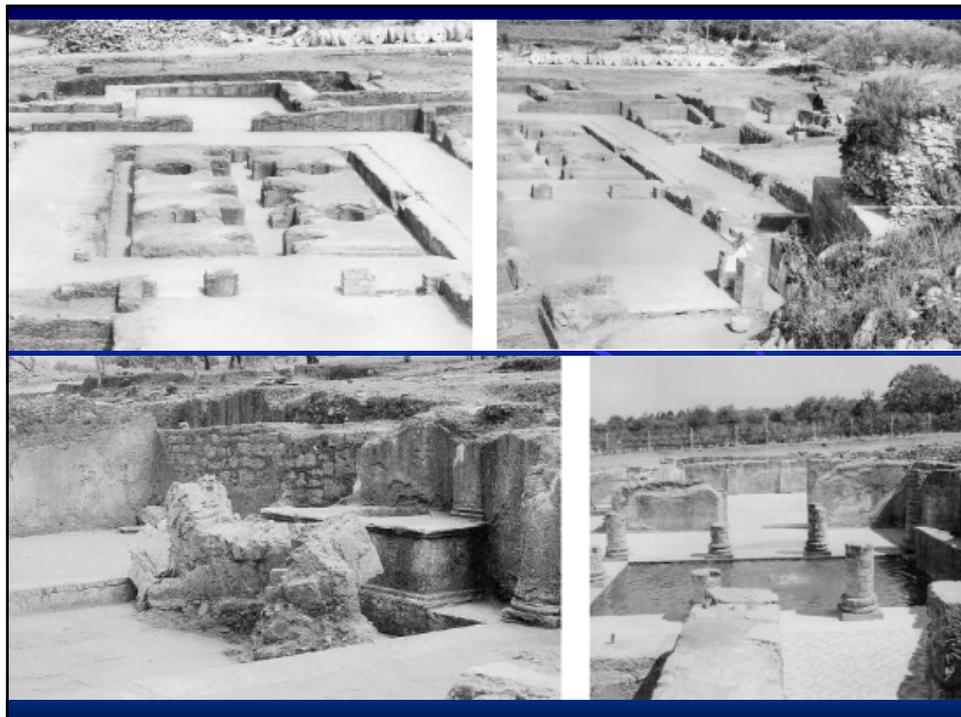
Pré-visualizar

boletim electrónico  
Para subscrever insira o endereço de e-mail em:

Fechar

acesso rápido  
REGI:

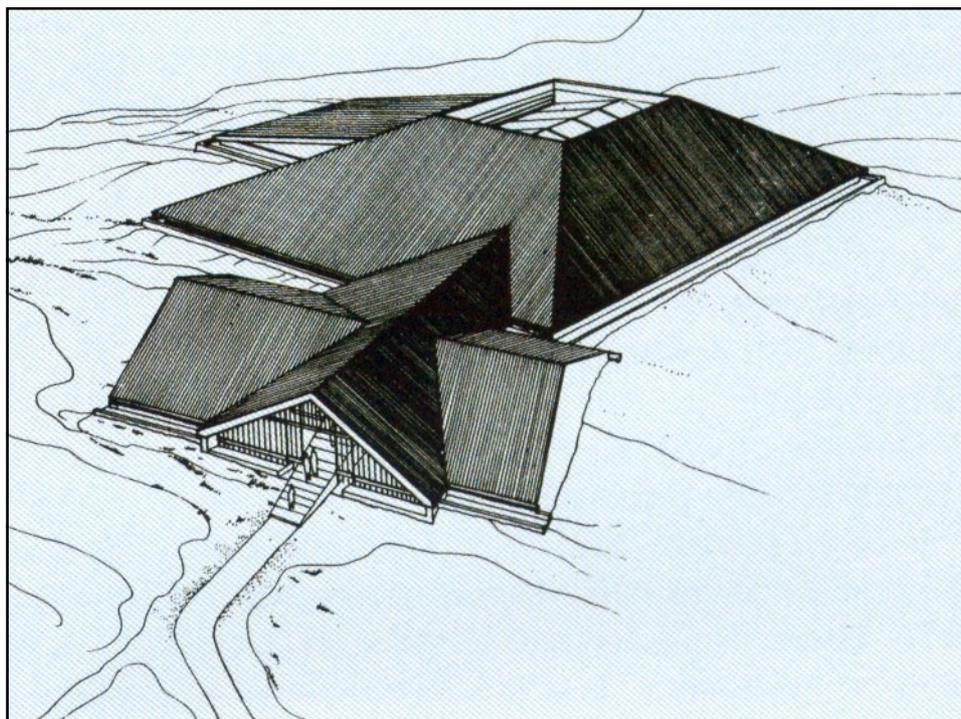
VISITAR SANTIAGO  
VIVER EM SANTIAGO  
NEGÓCIOS











5ª pergunta:

Existem diferenças entre *sítios musealizados e museus* ?

*Na sociedade da globalização e mediatização massificadas...*

*...algumas ideias-feitas sobre...*

<b>Museus:</b>	<b>Sítios:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>▪ distantes</li><li>▪ anacrónicos</li><li>▪ elitistas</li><li>▪ não-lugares</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ próximos</li><li>▪ actuais</li><li>▪ populares</li><li>▪ autênticos</li></ul>

*mas, se é assim, porque surge todos os dias, da aldeia à cidade, o desejo de fazer mais e mais museus ?*

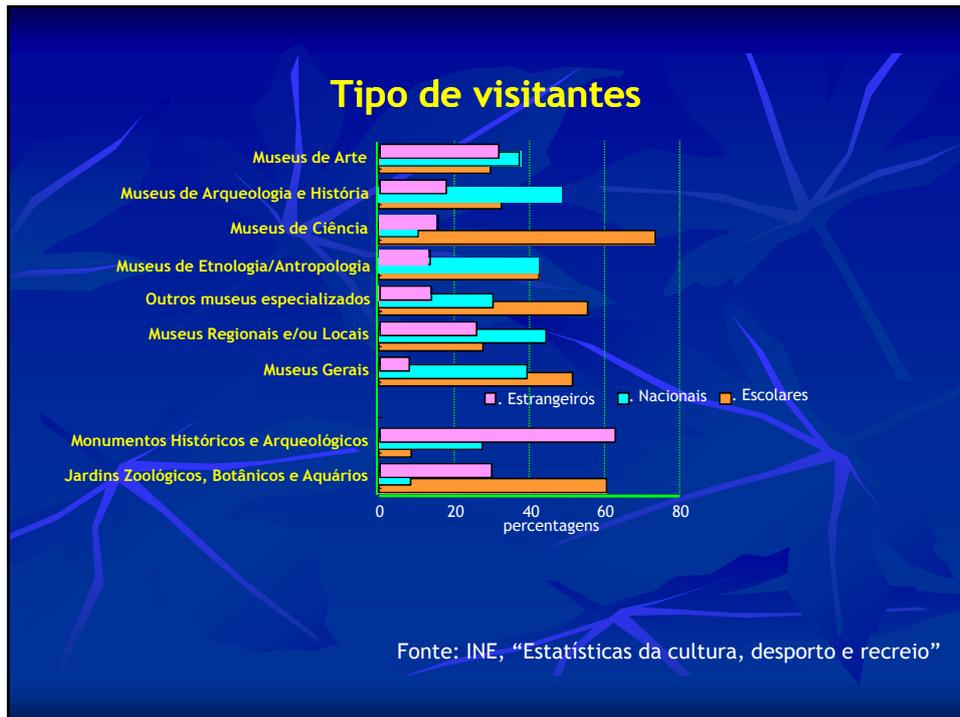
- **Alguns dados estatísticos:**

Pompeia: 1,2 milhões de visitantes / ano  
Museu Nacional de Arqueologia (Nápoles): 250 mil visitantes / ano

Acrópole de Atenas: 2 milhões de visitantes / ano  
Museu Nacional de Arqueologia (Atenas): 400 mil visitantes / ano  
Museu da Arte Clássica (Atenas): 40 mil visitantes / ano

Avebury (sítio): 350 mil visitantes / ano  
Avebury (museu): 50 mil visitantes / ano

Mosteiro dos Jerónimos: 600 mil visitantes / ano  
Museu Nacional de Arqueologia: 120 mil visitantes / ano



### *Potencialidades próprias dos...*

<p><b>sítios:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Contacto com o ambiente: geológico, climático, paisagístico e humano</li> <li>Contacto directo com os vestígios do passado</li> <li>Refuncionalização dos espaços antigos</li> <li>Turismo de massas</li> </ul>	<p><b>museus:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Contacto com o objecto original, de proveniências variadas</li> <li>Diversificação de públicos: aposta em segmentos particulares</li> <li>Elaboração de discursos de síntese</li> <li>Prestação de serviços complementares</li> </ul>
--	--

**Sítios e museus fazem...**  
*reconstituições e encenações do passado, mas...*

Devem os museus competir com os sítios, no preenchimento das mesmas necessidades sociais, inclusive na captação de turismo de massas ?

**sim**, mesmo sob risco de transformação da sua natureza, “travestindo-se” em centros de animação: centros de dia, museus virtuais (“nova museologia”)

**não**, explorando um terreno próprio de afirmação social, que garanta a sua especificidade, ou seja, a sua razão de existência no médio e longo prazo

*...e neste caso...*

*...reconstituições e encenações do passado, mas...*

<b>sítios:</b>	<b>museus:</b>
<b>numa óptica do concreto:</b>	<b>numa óptica do abstracto:</b>
apelo ao sensorial	apelo ao racional
descida do observador à “realidade” passada	subida do observador ao discurso interpretativo do passado

## Os sítios:

### Vantagens:

Contacto imediato com a realidade envolvente, assumida como idêntica ou próxima da do passado

Apreensão directa dos vestígios do passado

Possibilidade de recriação de ambientes

Desenvolvimento local e regional

### Inconvenientes:

Conservação dos vestígios

Impacte negativo dos visitantes

Critérios de restauro e reconstituição

Isolamento ou difícil acesso

Ilusão das reconstituições e de viver o passado "tal como ele era"

## Os museus:

### Vantagens:

Conservação dos vestígios

Apresentação dos vestígios (iluminação, som, etc.)

Prestação de serviços

Facilidade de acesso e inclusão em circuitos culturais mais amplos

Construção de todo o tipo de discursos, reunindo vestígios de proveniências diversas

### Inconvenientes:

Descontextualização dos vestígios (arqueológica e/ou paisagística)

Barreiras físicas entre objecto e visitante

Acumulação de objectos em reservas, sem utilidade social

Exposição massiva de objectos, anulando-os mutuamente

### Conclusões:

A percepção social de qualquer ruína, *maxime* de qualquer vestígio arqueológico, constitui sempre um compromisso entre “autenticidade” (original) e “restauro” (moderno), sendo que ambos contêm um componente de recriação contemporânea.

Existem tendencialmente duas vias de aproximação à ruína:

- a da mínima intervenção (no limite, o ruinismo de John Ruskin)
- a da máxima intervenção (no limite, a reconstrução total e ideal de Viollet-le-Duc)

O favorecimento de uma ou outra opção resulta do ambiente social em cada época:

- a “mínima intervenção” é própria de sociedades democráticas, de alguma abundância... mas contém o perigo do elitismo
- a “máxima intervenção” é própria de regimes autocráticos, por razões de legitimação no passado, de educação programada das massas... e de rentabilização das ruínas segundo as “leis do mercado”

### Conclusões (cont):

A conservação / patrimonialização não constitui a única via de utilização social dos bens arqueológicos. Entendidos como fontes de conhecimento, estão sujeitos à metodologia arqueológica, que muitas vezes é destrutiva.

Em termos patrimonialistas, mantêm-se por enquanto válidos os principais gerais e as diferentes modalidades de intervenção recomendadas pelas sucessivas cartas sobre restauro.

O recurso às diferentes modalidades de intervenção recomendadas, seja na musealização *in situ*, seja na opção da descontextualização para museus, depende muito de cada situação concreta tanto no plano técnico como sobretudo no plano político em sentido lato (o uso que a *polis* entende fazer da ruína).

### **Conclusões (cont):**

O princípio da “mínima intervenção” é um dos mais sedimentados na teoria patrimonialistas da 2ª metade do século XX.

Mas assiste-se hoje a um retorno a concepções de intervenção muito pesadas, já não por opção política de afirmação do Estado central (napoleónico, como no tempo de Viollet-le-Duc), mas por rendição às “forças do mercado”, especialmente ao turismo de massas e à sociedade do espectáculo (a chamada “cultura dos eventos”).

É bom ? É mau ?

Dependente do ponto de vista de cada um e daquilo que possa merecer vencimento social em cada época e em cada sistema social concreto.

### **Dasabafo final:**

Para mim, arqueólogo antes de ser museólogo, historiador antes de ser patrimonialista, a “cultura dos eventos” e todo o seu cortejo de consequências constitui um empobrecimento, até um recuo civilizacional: o triunfo da enganosa epiderme dos sentidos sobre a perenidade do conhecimento, ditado pela razão.

E procuro convencer os outros que assim é.

Uma vez ganho, outras perco.

É a vida.